



ESTADOS UNIDOS

Trump acusa a China e ataca o voto

Em horário nobre e a menos de quatro meses do pleito legislativo, presidente republicano denuncia que chineses compraram 220 mil dados de eleitores americanos e alerta que segurança eleitoral do país é "catastroficamente insuficiente"

» RODRIGO CRAVEIRO

A 110 dias das eleições de meio de mandato que podem transferir para os democratas o controle da Câmara dos Representantes e do Senado, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, usou o horário nobre da televisão para colocar em xeque o sistema de votação no país, ao divulgar documentos de inteligência que apontam vulnerabilidades e implicam a China "na maior operação de comprometimento de uma eleição da história".

O republicano afirmou que os chineses adquiriram 220 milhões de arquivos de eleitores americanos a partir de 2020. "Essa informação inclui nomes, endereços, telefones, preferências políticas e outros dados sensíveis", declarou, ao classificar a segurança eleitoral dos EUA como "catastroficamente insuficiente". "Dezenas de milhões de dados de eleitores em 18 estados foram comprados, roubados ou hackeados pela China. (...) O governo chinês queria que o presidente dos EUA perdesse a próxima eleição. E a razão pela qual queriam que eu perdesse é que sabiam que eu estava atento às manobras deles", disse, em alusão a 2020.

Depois de iniciar o discurso, às 22h02 (pelo horário de Brasília), com uma autopromoção de seu governo, ao apresentar avanços na economia, na segurança e no controle de fronteiras, ele avisou: "Os EUA estão de volta e se saindo muito bem, mas grandes mudanças precisam ser abordadas, pois nenhum país pode ser grande sem eleições justas e honestas". E completou: "Nesta noite, anuncio a imediata publicação de dados críticos de inteligência que revelam vulnerabilidades chocantes em nossa infraestrutura eleitoral. (...) O sistema eleitoral que temos perigosamente se expõe a hackers, à exploração e à interferência externa."

O republicano disse que há anos tem clamado por uma ação

Saul Loeb/AFP



Dezenas de milhões de dados de eleitores em 18 estados foram comprados, roubados ou hackeados pela China"

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

contundente e decisiva "para proteger a integridade das eleições americanas". "Cada americano merece saber que, ao depositar seu voto, o mesmo será contado com precisão em um sistema seguro", defendeu.

Duas das principais emissoras americanas, a ABC e a NBC News, recusaram-se a transmitir o pronunciamento do republicano, o que despertou a ira da Casa Branca. Como foi eleito por duas vezes (em 2016 e em 2024), Trump, 80 anos, não poderá disputar a Presidência em 2028. Por isso, uma mudança de configuração nos assentos do Capitólio pode significar o início do fim de seu mandato.

O pronunciamento de Trump ocorreu no pior momento de seu segundo mandato na Casa Branca. Imerso em uma guerra contra o Irã e em meio a uma crise econômica interna, ele amarga queda na popularidade. Uma pesquisa feita pelo instituto Ipsos e pelo jornal *The Washington Post* mostra que o titular da Casa Branca conta com uma taxa de aprovação de apenas 37%, enquanto o índice de rejeição chega a 61%. O Ipsos entrevistou 2.648 adultos.

O presidente tem pressionado a maioria republicana na Câmara e no Senado — que terá um terço dos assentos renovado em 3 de novembro

— a aprovar, de qualquer maneira, o *Save America Act* ("Lei Salve a América"), um texto que torna ainda mais restritas as medidas de identificação no momento do voto.

Chuck Schumer, líder da minoria democrata no Senado, classificou como "conversa fiada" as reclamações de Trump sobre as eleições de 2020. Horas antes do discurso, o senador opositor declarou que o pronunciamento nada teria a ver com as eleições de 2020. "Ele tem tudo a ver com as eleições de 2026. Trump está morrendo de medo de perder em novembro; por isso, tenta mudar de assunto", declarou.

Precisão

Autor de vários livros sobre eleições americanas e diretor da cátedra de direito constitucional da Universidade Estadual de Ohio, Edward Foley afirmou ao **Correio** que em nenhum momento Trump disse que os resultados de qualquer eleição foram afetados. "Portanto, nenhum candidato indevido assumiu o cargo — contrariando a vontade dos eleitores — em consequência do que a China fez, mesmo segundo o que ele disse."

O estudioso entende que alguns pontos da fala de Trump pareceram pertinentes, como a necessidade de

eleições "livres, justas" e confiáveis, bem como seu apelo por um acordo bipartidário sobre os procedimentos eleitorais. "O problema é que democratas e republicanos discordam quanto aos detalhes de como esse acordo bipartidário deveria ser."

Foley lembrou que existe uma diferença crucial entre atores estrangeiros que tentam persuadir os eleitores sobre como votar e aqueles que buscam forjar o resultado com votos falsos ou contagens distorcidas. "Em uma sociedade livre, não há como evitar totalmente a primeira situação, sendo necessário confiar que os eleitores tomarão suas decisões com base no mérito dos argumentos que ouvem; no passado, houve tentativas de atores estrangeiros de persuadir eleitores dessa maneira, mas tais esforços não podem invalidar o resultado, desde que os eleitores tomem suas decisões sobre como votar", comentou. Ele descartou evidências de que atores estrangeiros tenham obtido êxito na falsificação dos resultados de eleições passadas.

Justin Levitt, professor de direito constitucional e eleitoral da Loyola Law School (Califórnia) e conselheiro sobre direito ao voto da Casa Branca entre 2021 e 2022, disse ao **Correio** que "a China aparentemente 'obteve' listas de registros de eleitores" e lembrou que isso é algo que qualquer pessoa com dinheiro suficiente pode fazer. "A melhor avaliação da comunidade de inteligência foi a de que os chineses não usaram esses dados para interferir na eleição de 2020. Mesmo que tivessem utilizado tais dados, o objetivo teria sido o de tentar persuadir os eleitores a votar de outra forma. Isso não indica que alguma eleição tenha sido roubada", advertiu. Em relação ao sistema eleitoral, Levitt destacou que Trump não apontou nenhuma "vulnerabilidade" de relevância nem demonstrou que algo tenha levado ao comprometimento de sequer uma única eleição.

Jung Yoen-je/AFP



Fuzileiros navais dos EUA: teste para detectar deficiência hormonal

Exame de testosterona para militares acima de 30 anos

Em vídeo, Pete Hegseth, secretário de Defesa dos EUA, anunciou que autorizou novo programa de monitoramento de deficiência da testosterona para militares, com a justificativa de preservar a resiliência dos soldados americanos. Sob a supervisão de médicos, combatentes de 30 anos ou mais serão testados anualmente. "Aqueles com menos de 30 anos também podem se voluntariar a fazer os testes", disse

Hegseth. "Será de sua inteira escolha submeter-se a uma terapia de substituição de testosterona."

Uma das maiores autoridades em deficiência de testosterona, Bradley Anawalt, professor de medicina da Universidade de Washington, explicou ao **Correio** que a triagem da deficiência do hormônio em homens por meio da medição dos níveis sanguíneos do hormônio não é recomendada.

"Existe amplo consenso entre especialistas e diretrizes de que o rastreamento do hipogonadismo (deficiência de testosterona) não é indicado. Não há embasamento científico para dosagens anuais de testosterona no sangue de militares dos EUA com 30 anos de idade ou mais", advertiu.

Segundo o médico, há várias causas para níveis baixos de testosterona que não estão ligadas

à deficiência do hormônio. "Essas causas incluem privação de sono, exercícios excessivos (sob restrição calórica), doenças agudas atuais ou recentes (como gripe ou Covid) e o uso de medicamentos como a prednisona — um potente anti-inflamatório utilizado no tratamento de asma e doenças inflamatórias. Todas essas causas de níveis baixos de testosterona no sangue são comuns entre militares." (RC)

UCRÂNIA

Protestos contra Zelensky

Protestos em várias cidades da Ucrânia desafiaram a decisão do presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, de demitir o ministro da Defesa, Mikhaïlo Fedorov, e nomear como substituto interino Yevgeny Khmara, funcionário que passou a carreira no Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU). A notícia coincide com um avanço consistente das tropas russas, nas últimas semanas, nas regiões do leste do país reivindicadas pelo Kremlin desde que ordenou a invasão da Ucrânia, em fevereiro de 2022.

Fedorov, de 35 anos, havia sido nomeado seis meses atrás para modernizar um Exército exausto após mais de quatro anos de guerra. Ele se apresenta como um reformista que incorporou novas tecnologias, como os drones, para compensar a

falta de soldados, dinheiro e munições. Pouco antes do anúncio, ele tinha criticado publicamente o comandante-chefe das Forças Armadas, Oleksandr Syrsky, 60 anos, que está no cargo desde 2024 e é acusado de ter uma visão mais conservadora das Forças Armadas e menos consideração pela vida dos soldados.

Vestindo uma camiseta preta, diante de uma tela que mostrava imagens de drones, Fedorov declarou aos jornalistas que Syrsky "bloqueou" suas iniciativas. "Em vez de descobrir como derrotar a Rússia de maneira assimétrica, que é a tarefa do comandante-em-chefe, ele encontrou a forma de dividir o país", disse aos jornalistas. Fedorov reconheceu, no entanto, que Syrsky contribuiu para "salvar

a Ucrânia" durante "muitas operações" no começo da invasão russa em 2022. Ihor Klymenko, ministro do Interior em fim de mandato, aparece como possível substituto de Fedorov, mas não tem garantida a maioria dos votos dos deputados.

"Francamente, um presidente em tempos de guerra não deveria ter de escolher em uma situação dessas", disse Zelensky sobre o conflito entre o ministro da Defesa destituído e o comandante do Exército. "Eu gostaria muito que houvesse unidade", acrescentou.

Diante das tensões, Zelensky pediu que "a unidade" seja preservada dentro do comando militar e lamentou que Fedorov e Syrsky "não a tenham encontrado". A saída do ministro da Defesa provoca inquietação sobre

Roman Piliupet/AFP



o futuro das tropas ucranianas, que conseguiram nos últimos meses frear o avanço russo e desencadear uma crise de combustível no país vizinho, graças ao bombardeio de instalações petrolíferas e militares.

Na capital, Kiev, mais de mil

pessoas se reuniram em uma praça central com bandeiras ucranianas e europeias para gritar "vergonha" e pedir a volta de Fedorov. Segundo os meios de comunicação ucranianos, houve protestos similares em outras grandes cidades, como Odessa

Manifestação em Kiev contra a demissão do titular da Defesa: "Meu pai não lutou por isso"

(sul), Kharkov (noroeste), Dnipro (centro-oeste) e Lviv (oeste).

Novo governo

O parlamento da Ucrânia aprovou, por 289 votos em um total de 318, a nomeação do CEO da empresa de energia Naftogaz, Sergiy Korytsky, 48 anos, como novo primeiro-ministro, como parte da reforma ministerial anunciada por Zelensky. "Superamos o inverno mais difícil e garantimos o fornecimento ininterrupto de gás aos ucranianos, apesar das graves perdas em nossa produção", disse Korytsky, falando aos deputados antes da votação. "Demonstramos que a gestão pública pode e deve ser eficaz."